

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES, SOCIAL E DO TRABALHO

**JULGAMENTOS SOCIAIS SOBRE
GRUPOS RELIGIOSOS E
PROCESSOS INTRAGRUPAIS
ASSOCIADOS A CULTOS**

Márcia Filipa Gomes Pereira

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Julgamentos Sociais sobre Grupos Religiosos e Processos Intragrupais associados a Cultos

Márcia Filipa Gomes Pereira
Outubro, 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia,
área de Psicologia das Organizações, Social e do
Trabalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto, orientada pela
Professora Doutora **Isabel Rocha Pinto** (F.P.C.E.U.P).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Penso que é imprescindível, agradecer a todos os que me apoiaram e ajudaram de diferentes formas e que contribuíram para um impacto positivo em mim durante todo o processo da dissertação. Primeiramente um agradecimento para a minha família, principalmente aos meus pais e irmão, que me acolheram e com um enorme carinho e compreensão, e em muitos momentos deram-me um propósito para continuar e nunca desistir. Especialmente, aos meus pais, sem vocês nada disto seria possível. A parte mais importante da minha vida, tudo o que tenho, tudo o que sou e tudo o que posso crer almejar, deve-se a ambos.

Um agradecimento, em especial, à minha orientadora de dissertação à Dr.^a Isabel Rocha Pinto, que sempre se demonstrou disponível para me ajudar, pela compreensão e apoio em todos os momentos complicados e da qual muitas vezes tive de pedir auxílio e que prontamente foi acautelado.

Um agradecimento à minha amiga, Diana, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e que sempre demonstrou nada menos que aceitação, compreensão, apoio e amizade. Tenho a certeza, que aconteça o que acontecer tu estarás do meu lado.

Por fim, um agradecimento ao meu namorado Marcelo, que ao longo de muitos anos e especificamente, neste processo, manteve-se sempre presente e disponível, foi como uma base segura para momentos de incerteza e receio, e que me mostrou um caminho quando já não conseguia ver um. És a melhor parte de mim.

Estas pessoas, contribuíram de distintas formas, seja em porções pequenas ou grandes, seja em momentos grandiosos ou nos detalhes, para me apoiarem nesta “aventura” de quase dois anos, o meu profundo e humilde agradecimento, porque no fundo foi uma enriquecedora experiência que não seria possível sem estas pessoas.

Resumo

As pessoas que frequentemente possuem uma menor exposição e conhecimento de grupos religiosos, podem estar mais inclinadas a assimilar os grupos religiosos a cultos (Barker, 1990). Mas, será apenas uma questão de desconhecimento? A proposta para este trabalho, é que esta atribuição de julgamentos mais estereotipados e negativos a grupos religiosos pode também assumir uma função identitária.

O objetivo primordial deste estudo consistiu em testar processos de favorecimento endogrupal e de derrogação exogrupal enquanto fatores identitários por parte de participantes católicos perante quatro grupos religiosos distintos: Igreja Católica, Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia. Além disso, procurou-se investigar se ocorriam diferenças nos julgamentos sociais entre os participantes católicos e os participantes ateus e agnósticos (sem religião) em relação à Igreja Católica.

Os resultados mostram que os participantes católicos avaliaram de forma mais positiva a Igreja Católica em duas das dimensões, por comparação com os participantes ateus e agnósticos (sem religião). Os resultados demonstram ainda que os participantes católicos avaliaram a Igreja Católica de forma mais positiva e que lhe atribuíram menos dinâmicas intragrupais negativas (características percebidas de cultos) do que aos restantes grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia), evidenciando-se favorecimento endogrupal e derrogação exogrupal.

Palavras-chave: favoritismo endogrupal; derrogação exogrupal; religião; cultos; grupos; identidade social; processos intragrupais.

Abstract

People who frequently have less exposure and knowledge of religious groups may be more inclined to assimilate religious groups to cults (Barker, 1990).

But is it merely a matter of ignorance?

The proposition for this work is that this attribution of more stereotyped and negative judgments to religious groups can also assume an identity function.

The main objective of this study was to test processes of ingroup favoritism and outgroup derogation as identity factors among Catholic participants regarding four distinct religious groups: the Catholic Church, Jehovah's Witnesses, Universal Church of the Kingdom of God, and Seventh-day Adventist Church. Additionally, we sought to investigate whether there were differences in social judgments between Catholic participants and atheist/agnostic participants (non-religious) regarding the Catholic Church.

The results show that Catholic participants evaluated the Catholic Church more positively in two dimensions, compared to atheist and agnostic participants (non-religious). Furthermore, Catholic participants evaluated the Catholic Church more positively and attributed fewer negative intragroup dynamics (perceived characteristics of cults) to it than to the other religious groups (Jehovah's Witnesses, Universal Church of the Kingdom of God, and Seventh-day Adventist Church), indicating ingroup favoritism and outgroup derogation.

Keywords: ingroup favoritism; outgroup derogation; religion; cults; groups; social identity; intragroup processes.

Resumé

Les personnes qui ont fréquemment moins d'exposition et de connaissance des groupes religieux peuvent être plus enclines à assimiler les groupes religieux à des cultes (Barker, 1990). Mais est-ce simplement une question d'ignorance?

La proposition pour ce travail est que cette attribution de jugements plus stéréotypés et négatifs aux groupes religieux peut également assumer une fonction identitaire.

L'objectif principal de cette étude était de tester les processus de favoritisme intragroupe et de dérogation extragroupe en tant que facteurs identitaires chez les participants catholiques à l'égard de quatre groupes religieux distincts : l'Église catholique, les Témoins de Jéhovah, l'Église universelle du royaume de Dieu et l'Église adventiste du septième jour. De plus, nous avons cherché à investiguer s'il existait des différences dans les jugements sociaux entre les participants catholiques et les participants athées et agnostiques (non religieux) concernant l'Église catholique.

Les résultats montrent que les participants catholiques ont évalué l'Église catholique de manière plus positive dans deux dimensions, comparativement aux participants athées et agnostiques (non religieux). De plus, les participants catholiques ont évalué l'Église catholique de manière plus positive et lui ont attribué moins de dynamiques intragroupes négatives (caractéristiques perçues des cultes) que les autres groupes religieux (Témoins de Jéhovah, Église universelle du royaume de Dieu et Église adventiste du septième jour), indiquant un favoritisme intragroupe et une dérogation extragroupe.

Mots-clés: favoritisme envers le groupe; dénigrement des groupes extérieurs; religion; cultes; groupes; identité sociale; processus intragroupe.

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico.....	3
1. Teoria da Identidade Social	3
1.1. Favoritismo Endogrupal	4
1.2. Derrogação Exogrupal.....	5
II. Método.....	10
2.1. Participantes e Desenho Experimental	10
2.2. Procedimento	10
2.3. Instrumento	11
III. Resultados.....	14
Análises Preliminares às Medidas de Controlo	14
3.1. Avaliação Igreja Católica por Grupo de Pertença.....	15
3.1.1. Medidas de Favorecimento Endogrupal	15
3.1.2. Derrogação sobre a Igreja Católica por Grupo de Pertença	17
3.2. Comparação entre a Igreja Católica e Outros Grupos Religiosos em Participantes Católicos.....	19
3.2.1. Favoritismo Endogrupal por parte dos Participantes Católicos	19
3.2.2. Derrogação Exogrupal por parte dos Participantes Católicos	21
IV. Discussão	26
V. Conclusão	28
Limitações e Investigações Futuras	29
Referências Bibliográficas	30

Introdução

Os grupos religiosos desempenham um papel significativo na sociedade, proporcionando uma orientação moral, redução de incerteza, apoio social e identidade a muitas pessoas e comunidades. Estes grupos religiosos, geralmente implicam a adesão a uma ampla gama de crenças, práticas e tradições espirituais, que fornecem estruturas morais que orientam as decisões e ações dos seus membros (Barker, 1990).

No entanto, existe também uma representação social relacionada com determinados grupos religiosos aos quais se atribui um significado negativo. Com efeito, a categorização desses grupos como "cultos" é percebida como discriminatória, frequentemente influenciada por estereótipos negativos, falta de compreensão e desconhecimento de práticas e crenças desses grupos (Bromley, 2002) da parte de pessoas externas, frequentemente pertencentes a outros grupos religiosos. Este termo "culto" muitas vezes suporta conotações pejorativas sendo comumente utilizado de maneira imprecisa para descrever uma variedade de grupos religiosos que muitas vezes geram controvérsias devido a perspectivas diversas sobre a sua natureza (Petherick, 2017). Esta categorização envolve julgamentos menos favoráveis sobre estes grupos, assim como a aplicação de rótulos estigmatizantes com base nas suas ideologias e práticas religiosas, assumindo que os seus processos grupais são mais negativos, coercivos e manipuladores, desrespeitando as individualidades de cada um, condicionando os indivíduos a abandonarem a sua identidade pessoal e pensamento crítico em detrimento das exigências de uma pertença vista frequentemente como autoritária, intolerante à diferença, ou seja, extremista (Bromley, 2002). Geralmente, esses traços incluem a devoção excessiva a uma pessoa, ideia ou coisa; um fundador/líder carismático, dogmático e messiânico que se rege pela crença no princípio de que "o fim justifica os meios"; o uso de técnicas eticamente manipulativas de persuasão e controlo para promover os objetivos do líder ou líderes do grupo, a qualquer custo sem nenhuma consideração pelo bem-estar dos membros e o uso de coerção psicológica para recrutar, doutrinar e manter membros, resultando na formação de uma sociedade elitista totalitária (Haworth, 1997). Grupos conhecidos como milenaristas, que fundamentam a sua dinâmica grupal em visões apocalípticas do "fim do mundo", e que culminam no suicídio ritual de seus membros em um momento predeterminado, são frequentemente percebidos como o protótipo de culto

religiosos, denegrindo ainda os membros que a estes grupos pertencem (Petherick, 2017), apesar de corresponderem a casos excepcionais e pouco representativos.

As pessoas que frequentemente possuem uma menor exposição e conhecimento de grupos religiosos, podem estar mais inclinadas a assimilar os grupos religiosos a cultos (Barker, 1990). Mas, será apenas uma questão de desconhecimento? A nossa proposta para este trabalho, é que esta atribuição de julgamentos mais estereotipados e negativos a grupos religiosos pode também assumir uma função identitária. Por exemplo, julgamentos mais negativos e diferenciados devem acontecer mesmo em relação aos grupos religiosos dominantes, mas por parte de indivíduos que não se identificam com esse grupo. Pelo contrário, julgamentos mais positivos sobre esses grupos devem ser esperados por parte dos seus membros. A componente identitária dos indivíduos quanto à religião (identidade social), pode desencadear a emergência destes processos de julgamento social, estigmatizantes e discriminatórios de pessoas religiosas de outros grupos, enquanto se mostram mais protetores sobre o seu próprio grupo.

I. Enquadramento Teórico

1. Teoria da Identidade Social

Uma identidade social corresponde aos aspetos do autoconceito de um indivíduo que derivam da pertença às categorias sociais às quais ele/a se percebe como pertencendo, assim como do valor que atribui a essa identidade, e do significado emocional de se sentir membro desse grupo (Tajfel & Turner, 1979).

A acentuação perceptiva é um processo cognitivo associado ao processo cognitivo de categorização (Turner et., al 1987; Tajfel, 1978), na medida em que permite perceber os indivíduos incluídos numa situação particular em categorias sociais claramente distintas, e, portanto, a atribuir uma identidade aos indivíduos e eventualmente a si próprio/a. A acentuação perceptiva implica que os indivíduos percecionem os membros de uma categoria como mais semelhantes do que na realidade são (efeito da homogeneidade intracategorial) e os membros de duas categorias como mais diferentes do que na realidade são (Tajfel, 1969, 1981). No entanto, alguma literatura refere que, quando a identidade do percipiente está em destaque (categoriza-se como membro de uma categoria – endogrupo), frequentemente ocorre um processo de homogeneidade exogrupal (perceção de maior semelhança entre os membros do outro grupo do que do endogrupo), sendo esta perceção diferencial motivada pela necessidade das pessoas em preservar uma identidade social positiva e distintiva (Rubin & Badaea, 2012). Com efeito, o efeito de homogeneidade do exogrupo refere-se ao processo em que os indivíduos tendem a percecionar os seus próprios grupos como relativamente mais heterogéneos do que os grupos aos quais não pertencem (Jones, Wood, & Quattrone, 1981; Judd & Park, 1988; Linville, Fischer, & Salovey, 1989; Park & Judd, 1990; Park & Rothbart, 1982; Quattrone & Jones, 1980). A motivação de percecionar os membros do exogrupo como extremamente semelhantes, decorrente do processo de categorização, permite a utilização de traços estereotípicos e a generalização a todos os membros do exogrupo. Pelo contrário, literatura evidencia que, ainda que se baseie no processo de acentuação perceptiva, os julgamentos sobre os membros do endogrupo parecem procurar alguma distintividade dentro do endogrupo permitindo aos indivíduos proteger o seu grupo da atribuição de estereótipos, e de manter uma certa distintividade individual dentro de um grupo que já oferece uma identidade positiva aos seus membros (Brewer, 1991).

1.1. Favoritismo Endogrupal

Um outro processo associado e que decorre da componente avaliativa dos processos associados à identidade social é o favoritismo endogrupal, que corresponde à tendência para favorecer o endogrupo em relação ao exogrupo, seja em relação a comportamentos, atitudes, preferências, percepções ou avaliações (Turner et al., 1979). Tajfel e colegas, demonstraram que o simples processo de categorização social desencadeia a motivação para o alcance de uma identidade social positiva, nomeadamente através de processos comparativos do endogrupo com o exogrupo, e da atribuição de um valor mais positivo ao endogrupo em resultado do processo de comparação social que se pode refletir em atitudes, julgamentos e comportamentos que favorecem o endogrupo ou membros do endogrupo, apenas por serem membros do seu grupo (Tajfel et al., 1971; Billig & Tajfel, 1973; Tajfel & Billig, 1974; Doise, Csepele, Dann, Gouge, Larsen, & Ostell, 1972; Turner, 1975).

Por essa razão, os indivíduos desenvolvem atitudes mais favoráveis em relação aos membros do próprio grupo, implicando a adoção de atitudes menos favoráveis em relação aos membros de exogrupos, o que pressupõe a importância da identificação grupal e da pertença ao grupo como fatores impulsionadores desse viés (Brewer, 1999).

No entanto, quando um exogrupo representa uma ameaça a esta identidade positiva, a derrogação exogrupal pode ser uma estratégia que os membros do endogrupo utilizam para restaurar qualquer dano ou prejuízo causado à autoestima do grupo, com o objetivo de garantir uma identidade social positiva (Branscombe and Wann, 1992). Em alguns casos, essa distinção intergrupala pode-se concretizar em processos de demonização e derrogação exogrupal, de preconceitos, estereótipos negativos e chegar mesmo a discriminação e conflitos com o exogrupo (Brewer, 1999).

Com efeito, a discriminação intergrupala é um meio pelo qual as pessoas mantêm uma identidade social positiva, em condições que ameaçam a identidade do endogrupo; nesta situação a derrogação exogrupal ocorre por razões defensivas ou de autoproteção (Tajfel, 1982).

1.2. Derrogação Exogrupal

Este processo de derrogação exogrupal, previsto pela teoria da identidade social (Brewer, 1991; Tajfel, 1978), corresponde a um processo identitário básico, percebido como diferenciado do de favorecimento endogrupal, na medida em que pressupõe um julgamento intencional negativo ao exogrupo com o objetivo de o desvalorizar. Fazendo a ligação com o nosso objeto de estudo, e assumindo que exogrupos religiosos podem ser percebidos de forma mais negativa do que os endogrupos (é o caso do estigma associado à categorização dos mesmos enquanto “cultos”), é fácil perceber que a atribuição dos processos de dinâmica intragrupal associados a cultos sejam percebidos tendencialmente com uma conotação pejorativa dos grupos aos quais são atribuídos.

Como mencionado acima, propomos que processos identitários possam afetar a percepção, julgamentos e a avaliação do funcionamento dinâmico desses grupos. Assim, julgamentos exogrupal decorrentes da atribuição de processos dinâmicos grupais fundamentados em algumas técnicas ou métodos de controlo supostamente praticados por cultos, como manipulação mística, pureza requerida, confissão, ciência sagrada, doutrina sobre a pessoa, dispensar da existência, e coerção persuasiva (Lifton, 1961), podem estar associados a processos identitários com intenção de derrogação exogrupal e não apenas de favorecimento endogrupal.

Agora, exploraremos minuciosamente cada um desses processos dinâmicos grupais, oferecendo uma análise profunda das dinâmicas que influenciam os julgamentos sociais sobre os grupos religiosos estudados.

A manipulação mística, por exemplo, envolve a utilização de uma extensa manipulação pessoal para provocar padrões específicos de comportamento de forma aparentemente espontânea quando, na realidade, são cuidadosamente coordenados pelo grupo (Petherick, 2017). O grupo emprega técnicas manipulativas de persuasão e controlo, as quais ditam, por vezes de forma minuciosa, como os membros devem pensar, agir e sentir (Sirkin, 1990). Exemplos concretos dessa manipulação inclui a prática de reuniões prolongadas até altas horas da noite ou longas jornadas de trabalho estendidas muitas vezes realizadas para atingir metas cruciais do grupo. O objetivo dessas práticas é sobrecarregar deliberadamente os indivíduos, resultando na exaustão e redução da sua capacidade de pensamento racional e crítico, tornando-os mais suscetíveis à influência do grupo (Sirkin, 1990).

Outro processo dinâmico, é a "pureza requerida", que consiste na demanda do grupo de que os seus membros sejam “puros”, sendo essa pureza definida pelo grupo, não pela sociedade (Lifton, 1961). Os indivíduos são considerados pelo grupo como puros ou impuros, sendo os “puros” os que estão alinhados com o grupo e de acordo com a direção do grupo, enquanto a impureza abrange tudo o que não está em harmonia com o grupo (Petherick, 2017). A pureza é prescritiva (percebida como obrigação moral para se ser considerado um bom membro), o que resulta num sentimento de culpa por parte dos seus membros no caso de não a atingir (Petherick, 2017). Essa distinção pode ser evidenciada através dos rituais de iniciação, nos quais os recém-chegados que subsistem a esses rituais são automaticamente considerados "puros" relativamente aos que não conseguem. Estabelecer essa distinção desde o início é crucial para o grupo.

A “doutrina sobre a pessoa”, é outro processo que pressupõe a aprendizagem das normas do grupo, um ensinamento extenso, que requer um estudo aprofundado de rituais ou práticas do grupo (Lifton, 1961). Assim, a falta de compreensão por parte do indivíduo é atribuída a uma deficiência do próprio, em vez de um problema relacionado com a doutrina do grupo (Walsh, 2001). Essa percepção equivocada, perpetua a submissão dos membros e reforça a ideia de que qualquer dúvida ou desacordo é uma falha individual em vez de uma reflexão válida sobre a ideologia do grupo (Walsh, 2001). É proibida e desencorajada a discordância deste ponto de vista e o questionamento de suposições básicas por parte dos membros (Lifton, 1961).

A prática de “dispensar a existência” é um outro processo que ocorre quando o grupo adota uma visão absolutista de que todos aqueles que não fazem parte do mesmo, as “pessoas de fora” (*outsiders*), são percebidas como não dignas, incompletas e desprovidas de algum aspeto de vida que os membros do grupo possuem (Lifton, 1961). Devido a essa perspectiva absolutista, todos os que não pertencem ao grupo são considerados a personificação do mal, restando-lhes a única esperança de se unirem ao grupo para serem "salvos" (Petherick, 2017). Uma vez desencadeada essa sequência, a confissão surge de forma inevitável, e o indivíduo fica permanentemente vinculado ao grupo (Petherick, 2017). De acordo com esta ideologia, a vida é um presente de Deus (ou de qualquer entidade que o grupo reverencie), logo, qualquer tentativa de abandonar o culto resultará na privação desse “presente”. Essa situação pode manifestar-se em pensamentos sobre a própria mortalidade, ou seja, o indivíduo acredita que poderá morrer se abandonar o grupo (Aron, 1999).

A prática da confissão, permite ao grupo o controle dos seus membros sob a culpa existencial que advém da mesma (Lifton, 1961). A confissão é uma mistura de revelação e ocultação, sendo os indivíduos informados de que as suas confissões os libertarão. No entanto, essas confissões essencialmente vinculam-nos ao grupo, podendo a informação proveniente das mesmas ser usada contra eles no futuro (Lifton, 1991). Esta prática não é, em geral, um ato privado, pois tem o propósito de manter os membros numa exposição total ao escrutínio e crítica do grupo, abordando todos os pensamentos e experiências de vida individuais (Walsh, 2001). A confissão, portanto, torna-se um instrumento através do qual o grupo exerce controle sobre seus membros, promovendo a ideia de que a revelação completa é uma medida de fidelidade à causa coletiva, concomitantemente, refletindo a ênfase do grupo na conformidade e no alinhamento com suas crenças e valores preestabelecidos (Lifton, 1961).

O processo dinâmico de “ciência sagrada” pode ser empregue para reforçar as normas e valores do grupo, exigindo obediência e lealdade aos membros, assim como, persuadindo-os a aceitar a visão do grupo como única e válida (Lifton, 1961). Refere como a doutrina do grupo modela a realidade na qual o membro deve viver (Lifton, 1961). Neste processo, o indivíduo frequentemente vivencia uma experiência de conversão, na qual a sua vida passada é entregue ou reinterpretada, resultando no desenvolvimento de uma nova identidade fundamentada na nova ideologia (Appel, 1983). A invocação desta doutrina ocorre geralmente quando os membros sentem um conflito entre o que estão a vivenciar e o que a doutrina do grupo afirma que eles deveriam estar a vivenciar (Lifton, 1986). No entanto, quando surgem incertezas significativas, os membros começam a questionar sua continuidade no grupo e até mesmo a considerar a possibilidade de sair. É nesse momento que o grupo pode recorrer a comportamentos destrutivos exigindo uma obediência e lealdade ao grupo (Petherick, 2017).

A coerção persuasiva, refere-se a processos de influência social equiparados a influência normativa proposta por Deutsch e Gerard (1955), tais como a manipulação e a ameaça no sentido de pressionar os membros do grupo a alterar pensamentos, emoções e comportamentos (mesmo que não concorde privadamente) para se enquadrar nos requisitos pretendidos pelo grupo. Este processo implica submeter um indivíduo a condições de pressão física e até mesmo psicológica, a fim de persuadi-lo a modificar as suas perspetivas ou convicções, ou ainda convertê-lo a uma visão ou ação desejada pelo grupo (Lifton, 1961).

Adicionou-se, ainda, mais um outro processo, fundamentado na teoria delineada por Levine, Moreland e Hausmann, (2005), denominado de divergência. Este processo pressupõe certas cerimónias que podem abranger uma variedade de experiências negativas, desde a redução de posição hierárquica, a diminuição de privilégios e responsabilidades, o acesso restrito a informações confidenciais do grupo, e um aumento na monitorização do comportamento (Levine, Moreland e Hausman, 2005). A intensidade destas cerimónias pode ser influenciada por diversos fatores, abrangendo desde a reação do grupo perante os membros que expressam opiniões divergentes até àqueles que demonstram deslealdade ao pretender abandonar o grupo (Levine, Moreland e Hausman, 2005). Este processo desempenha um papel crucial no reforço das normas do grupo e na preservação da coesão interna (Levine, Moreland e Hausman, 2005).

Objetivo do Estudo

Este estudo investiga julgamentos sociais realizados por participantes católicos sobre quatro grupos religiosos distintos: Igreja Católica, Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com base no racional apresentado, procuramos testar a ideia de que indivíduos que se consideram membros de um grupo dominante (neste caso religioso, o caso da Igreja Católica na sociedade Portuguesa), fazem julgamentos mais positivos sobre esse grupo dominante aos julgamentos sobre outros grupos (menos salientes na sociedade). Para além disso, esperamos encontrar que as pessoas não religiosas (ateus e agnósticos) denigram a imagem da Igreja Católica (especificamente quanto à atribuição de processos grupais de exercício de controlo social forte e extremismo ideológico percebidos como relativos a cultos religiosos, como os mencionados acima) ao reconhecer maior incidência destes processos e maior extremismo na Igreja Católica do que os indivíduos católicos. Pelo contrário, deveremos encontrar um efeito de favorecimento do endogrupo, quando os julgamentos são realizados pelos indivíduos que se identificam com o grupo dominante (católicos a julgarem a Igreja Católica). As hipóteses do estudo propostas são as seguintes:

H1: Os participantes católicos avaliam de forma mais positiva a Igreja Católica, comparativamente com os participantes ateus/ agnósticos (sem religião). Complementarmente, os participantes ateus/ agnósticos (sem religião) evidenciam maior derrogação da Igreja Católica (pela maior atribuição de processos estigmatizantes atribuídos a cultos) do que os participantes católicos.

H2: Os participantes católicos avaliam a Igreja Católica de forma mais positiva que os restantes grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia). Complementarmente, os participantes católicos evidenciam maior derrogação dos outros grupos religiosos (pela maior atribuição de processos estigmatizantes atribuídos a cultos) em relação à Igreja Católica.

II. Método

2.1. Participantes e Desenho Experimental

A amostra é constituída por um total de 125 participantes, dos quais ($n=58$) 46.4% são do sexo masculino e ($n=67$), 53.6% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 67 anos ($M = 35.68$, $DP = 11.70$) de nacionalidade portuguesa. Tendo em consideração a religião dos participantes, 64.8% ($n=81$) indicaram ser católicos e 35.2% ($n=44$) afirmaram não possuir nenhuma religião, ou seja, agnósticos(as) ou ateus/ateias. No que concerne à proximidade que sente aos valores da religião, os participantes que evidenciaram ser católicos sentem-se relativamente próximos destes valores ($M = 3.78$, $DP = 1.46$) (1 = Muito Próximo, 7 = Muito Distante). Já no nível de religiosidade (1 = nada religioso, 7 = muito religioso), os participantes que evidenciaram ser católicos assumem-se próximos do ponto médio da escala ($M = 3.62$, $DP = 1.48$). Para finalizar, no que diz respeito à orientação política (1 = Esquerda, 7 = Direita), em média os participantes situam-se em redor do ponto médio ($M = 3.99$, $DP = 1.201$).

O estudo seguiu um plano unifatorial intra-participantes com 4 níveis (Grupo Religioso: Igreja Católica, Igreja Universal do Reino de Deus [IURD], Igreja Adventista do Sétimo Dia e Testemunhas de Jeová).

2.2. Procedimento

A recolha de dados foi realizada através de um questionário desenvolvido no *software Qualtrics*. Os participantes foram contactados através de plataformas online (publicações e convites de participação com um link para o questionário online partilhados através da rede social *Facebook*). Na parte inicial do questionário, no consentimento informado, os participantes foram informados de que seriam garantidos o anonimato e a confidencialidade das respostas obtidas. Todos os participantes deram o seu consentimento informado, estando explícito que a sua participação seria inteiramente voluntária. Após esta fase, os participantes providenciaram informação demográfica (por exemplo: idade, género, nacionalidade, religião e tendência política). Concomitantemente, incluiu-se a nacionalidade nas questões demográficas para assegurar que a amostra fosse

composta por somente pessoas de nacionalidade portuguesa, para assegurar uma maior consistência de participantes na pertença aos dois grupos (católicos e ateus) pretendidos.

2.3. Instrumento

O questionário está dividido em três partes. Na primeira parte do instrumento, constam medidas sociodemográficas: idade, género (masculino; feminino; outro; prefere não dizer), nacionalidade (portuguesa; outra); a religião (Católica; Testemunhas de Jeová; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Igreja Universal do Reino de Deus; Outra; Sem religião; prefere não dizer)¹; religiosidade (1 = nada religioso; 7 = muito religioso); e a orientação política (1 = Esquerda, 7 = Direita).

Na segunda parte do instrumento constam as medidas de controlo, que explora o conhecimento que os participantes detêm dos quatro grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Adventista do Sétimo Dia e Igreja Católica), contacto com os mesmos, com a inclusão dos seguintes itens: “Assinale em que medida já ouviu falar de cada um dos seguintes grupos” (1 = Sim, 2 = Não); “Assinale, em que medida já contactou (ou teve experiência de contacto) com cada um dos seguintes grupos” (1 = nenhum contacto, 7 = contacto muito frequente); “Em que medida já teve uma experiência negativa com cada um dos seguintes grupos” (1 = Sim, 2 = Não).

Favoritismo Endogrupal

Para medir o favoritismo endogrupal, foi criada uma escala com diversos itens que remetem para a avaliação e julgamento dos participantes perante os quatro grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Adventista do Sétimo Dia e Igreja Católica). Os participantes responderam a 6 itens, nomeadamente: (1) “Em que medida tem uma imagem positiva ou negativa de cada um dos grupos” (1 = muito negativa, 7 = muito positiva); (2) “Em que medida considera que cada um dos grupos tolera que os seus membros tenham valores diferentes dos propostos pelo grupo” (1 = não tolera, 7 = tolerância muito alta); (3) “Em que medida considera que os membros de cada um dos seguintes grupos são semelhantes entre si, em termos de valores e ideais” (1 = nada

¹ Foram retirados 5 participantes que indicaram ter uma religião diferente da Católica.

semelhantes, 7 = extremamente semelhantes); (4) “Em que medida considera que cada um dos seguintes grupos possui uma coesão forte (os membros sentem-se envolvidos e comprometidos para com o grupo)” (1 = coesão muito fraca, 7 = coesão muito forte); (5) “Em que medida se identifica com os valores de cada um dos grupos apresentados” (1 = nenhuma identificação, 7 = total identificação); (6) “Assinale em que medida caracteriza cada um dos grupos mencionados como contribuindo positivamente para a sociedade” (1 = muito negativos, 7 = muito positivos).

Derrogação Exogrupal

Para medir a derrogação exogrupal, foi criada uma escala com diversos itens que incide em medidas de acordo com o uso de práticas de controlo social evidenciadas por cultos (Lifton, 1961), especificamente manipulação mística, pureza requerida, confissão, ciência sagrada, doutrina sobre a pessoa, dispensar da existência e a coerção persuasiva. Uma vez que não existe uma escala de medida destes conceitos, criámos itens que procurassem representar cada conceito teórico.

Os participantes responderam segundo uma escala de Likert de 7 pontos (1= discordo totalmente, 7 = concordo totalmente), sendo esta escala composta por 8 itens, nomeadamente: (1) manipulação mística: “Em que medida considera que os seguintes grupos desencorajam o pensamento racional e estimulam a crença uniforme num ser divino (privação de sono através de rezas constantes, incessante leitura e interpretação única e uniforme da Bíblia)?”; (2) pureza requerida: “Em que medida considera que os seguintes grupos sociais têm valores fundamentais, que não podem ser violados, que exigem pureza de comportamentos por parte dos seus membros?”; (3) confissão: “Em que medida considera que os seguintes grupos sociais exigem que os seus membros confessem e sejam punidos aquando da violação de valores fundamentais do grupo?”; (4) ciência sagrada: “Em que medida considera que os seguintes grupos sociais exigem que os seus membros vivam em comunidade como forma de juramento de lealdade total e reverência ao grupo?”; (5) doutrina sobre a pessoa: “Em que medida considera que os seguintes grupos sociais têm previstos rituais de ensinamento/ processos de socialização/ doutrinação da ideologia sagrada no sentido de levar os seus membros à conversão e aceitação dos seus princípios?”; (6) dispensar de existência: “Em que medida considera que os seguintes grupos sociais possuem uma visão absolutista de que o grupo é como uma elite e todos aqueles que não fazem parte do mesmo, são automaticamente vistos como ‘pessoas de fora’ (outsiders), como não

inteiramente/integralmente dignas/aceitáveis/decentes?"; (7) coerção persuasiva: "Em que medida considera que os seguintes grupos sociais exercem persuasão coerciva (exemplo, lavagem cerebral) nos seus membros no sentido de seguirem os seus princípios e valores?".

Adicionou-se, ainda, mais um outro processo, fundamentado na teoria delineada por Levine, Moreland e Hausmann, (2005), denominado: divergência. Os participantes responderam segundo uma escala de Likert de 7 pontos (1= discordo totalmente, 7 = concordo totalmente): (8) "Em que medida considera que os seguintes grupos sociais reagem à liberdade de expressão (opiniões desviantes e contrárias às do grupo) dos seus membros de forma negativa ou hostil (exemplo: despromover a/o posição/estatuto; ter os privilégios e responsabilidades reduzidas/limitadas; receber menos informação secreta sobre o grupo; excluído ou afastado de círculos (grupo) informais; comportamento monitorizado cuidadosamente e insistentemente)".²

² Estes itens foram criados intencionalmente e de forma a refletir uma percepção negativa, com o objetivo de medir derrogação intencional (e não menor favorecimento) dirigidos a grupos religiosos no sentido de os equiparar a grupos pouco valorizados socialmente, e chamados de "cultos".

III. Resultados

Análises Preliminares às Medidas de Controlo

Relativamente às Testemunhas de Jeová, 124 (99.2%) dos participantes afirmaram já terem ouvido falar deste grupo, enquanto que, 1 (0.8%) dos participantes assumiu nunca ter ouvido falar deste grupo. Em relação, a já terem contactado este grupo, assumiu-se os seguintes valores, ($M = 2.36$, $DP = 1.40$). No que respeita, a se já tiveram alguma experiência negativa, 16 (12.8%) dos participantes afirmaram já terem experienciado, enquanto, 107 (85.6%), afirmaram nunca ter experienciado tal. No que respeita, à Igreja Universal do Reino de Deus, 106 (84.8%) dos participantes confirmarem já terem ouvido falar deste grupo, em oposição a 19 (15.2%) que afirmaram nunca ter ouvido falar desse grupo. Em relação, a já terem entrado em contacto com este grupo, assumiram-se os seguintes valores, ($M = 1.32$, $DP = .642$). Relativamente, a já terem tido alguma experiência negativa com este grupo, 6 (4.8%) dos participantes afirma já ter experienciado por tal, em oposição a, 118 (94.4%) que confirmam nunca ter experienciado por tal.

No que concerne, à Igreja Adventista do Sétimo Dia, 63 (50.4%) dos participantes afirma já terem ouvido falar deste grupo, em oposição, a 60 (48%) que confirmam nunca ter ouvido falar deste grupo. Relativamente a já terem entrado em contacto com este grupo, assumiram-se os seguintes valores, ($M = 1.23$, $DP = .615$). Em relação, a se já tiveram alguma experiência negativa 4 (3.2%) dos participantes confirma já ter tido uma experiência negativa com este grupo, em oposição a 121 (96.8%) que afirmam nunca ter tido uma experiência negativa com este grupo. Em relação à Igreja Católica, 125 (100%) dos participantes afirmaram já ter ouvido falar deste grupo. Relativamente a já terem entrado em contacto com o mesmo, assumiram-se os seguintes valores, ($M = 5.02$, $DP = 1.52$). Em relação, a se já tiveram uma experiência negativa com este grupo, 23 (18.4%) dos participantes afirmaram já ter tido, enquanto que, 101 (80.8%) dos participantes afirmaram nunca ter tido uma experiência negativa com este grupo. Os participantes evidenciam maior consenso relativamente a conhecerem e a contactarem com a Igreja Católica, o que é natural dado que é a Igreja dominante na sociedade Portuguesa. Mas em geral, a quantidade de participantes que evidencia experiências negativas com cada um dos grupos parece residual,

pelo que, dado o tamanho da amostra obtida, optámos por considerar a amostra toda na análise das hipóteses.

Quanto à identificação social, revelaram-se diferenças significativas entre os católicos e ateus/ agnósticos (sem religião) ao nível da identificação com a Igreja Católica, $t(123) = 7.17, p < .001, d = 1.34, 95\% IC [0.94, 1.75]$, ver Tabela 1. Os católicos relatam possuir uma maior identificação de valores com a Igreja Católica comparativamente com os ateus ou agnósticos (sem religião). Para além disso, os católicos identificam-se mais com o seu grupo (Igreja Católica) do que com os outros grupos, $F(3, 78) = 55.76, p < .001, \eta^2 = .682$, ver Tabela 3. Os resultados demonstram que os católicos se identificam mais com a Igreja Católica do que com qualquer outro grupo (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Para além disso, os católicos avaliam a Igreja Adventista do Sétimo Dia, como o grupo com o qual se identificam menos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Garante-se assim, que os católicos se identificam mais com a Igreja Católica do que os sem religião. Assim, mantêm-se estes grupos de comparação para testar as hipóteses. Para além disso, os resultados garantem que para os participantes católicos, o seu grupo de pertença é significativo para a sua identidade. Assim, estão garantidas as condições de diferenciação identitária para se poder testar as hipóteses.

3.1. Avaliação Igreja Católica por Grupo de Pertença

De modo a verificar-se se os participantes católicos avaliaram mais positivamente a Igreja Católica do que os ateus ou agnósticos (sem religião), foram realizados testes t-student tendo o grupo religioso como variável independente e todos os processos grupais referentes à Igreja Católica como variáveis dependentes (Tabelas 1 e 2).

3.1.1. Medidas de Favorecimento Endogrupal

Efetivamente, denotaram-se diferenças significativas entre os católicos e ateus/ agnósticos (sem religião) ao nível do valor da imagem atribuído à Igreja Católica, $t(123) = 5.61, p < .001, d = 1.05, 95\% IC [0.66, 1.44]$. Os católicos relatam perceber uma imagem mais positiva da Igreja Católica comparativamente com os ateus ou agnósticos (sem religião). Estes resultados são consistentes com a Hipótese 1 (ver Tabela 1).

Verificaram-se diferenças significativas entre os católicos e ateus e agnósticos (sem religião) em relação à Igreja Católica contribuindo positivamente para a sociedade, $t(123) = 4.06, p < .001, d = 0.76, 95\% IC [0.38, 1.14]$. Os católicos relatam mais que a Igreja Católica contribui positivamente para a sociedade que os ateus ou agnósticos (sem religião). Estes resultados também são consistentes com a Hipótese 1.

Não se verificaram diferenças significativas entre os católicos e ateus e agnósticos (sem religião) em relação à tolerância de valores diferentes, $t(123) = 1.43, p < .078, d = 0.27, 95\% IC [-0.10, 0.64]$, nem em relação à semelhança entre os grupos, $t(123) = -0.70, p < .241, d = -0.13, 95\% IC [-0.50, 0.24]$, e nem em relação à coesão e comprometimento dos membros deste grupo, $t(123) = 0.29, p < .385, d = 0.06, 95\% IC [-0.31, 0.42]$.

Tabela 1

Teste t-student de comparação entre participantes católicos e sem religião (ateus e agnósticos) perante a Igreja Católica (favoritismo endogrupal)

Medidas	Católicos		Sem Religião		p
	M	DP	M	DP	
Imagem Positiva/Negativa	4.41	1.093	3.23	1.179	.001
Tolerância de Valores Dif.	4.00	1.351	3.63	1.463	.078
Grupos Semelhantes entre si	3.64	1.607	3.84	1.413	.241
Coesão	4.16	1.336	4.09	1.361	.385
Identificação com o Grupo	4.20	1.495	2.23	1.412	.001
Positivos para a Sociedade	4.28	1.306	3.27	1.370	.001

* $p < .05$

** $p < .01$

*** $p < .001$

No geral, podemos assumir que os resultados corroboram parte da primeira hipótese proposta. Com efeito, os itens com clareza valorativa evidenciam diferenças significativas entre os grupos de pertença, com os participantes católicos a avaliarem mais favoravelmente a Igreja Católica do que os participantes ateus/sem religião.

3.1.2. Derrogação sobre a Igreja Católica por Grupo de Pertença

A segunda componente da Hipótese 1 refere que se espera que os participantes ateus/agnósticos (sem religião) evidenciem maior derrogação da Igreja Católica (pela maior atribuição de processos estigmatizantes atribuídos a cultos) do que os participantes católicos. Os resultados mostram diferenças significativas entre os católicos e ateus/agnósticos (sem religião) ao nível da manipulação mística (desencorajamento do pensamento racional e estimulação de uma crença uniforme num ser divino), $t(123) = -3.76, p < .001, d = -0.70, 95\% IC [-1.08, -0.32]$. Os ateus ou agnósticos (sem religião) relatam mais que a Igreja Católica desencoraja o pensamento racional e a crença uniforme num ser divino comparativamente com os católicos.

Surgiram diferenças significativas entre os católicos e ateus/agnósticos (sem religião) ao nível da confissão (obrigatoriedade do ato de confessar e punição dos seus membros aquando da violação de valores fundamentais), $t(123) = -2.35, p = .010, d = -0.44, 95\% IC [-0.81, -0.07]$. Os ateus/agnósticos (sem religião) relatam mais que a Igreja Católica exige a confissão e punição dos seus membros aquando da violação de valores fundamentais comparativamente com os católicos.

Verificaram-se diferenças significativas entre os católicos e ateus/agnósticos (sem religião) ao nível da doutrina sobre a pessoa (rituais de ensinamento/ processos de socialização/ doutrinação da ideologia sagrada no sentido de levar os seus membros à conversão e aceitação dos seus princípios), $t(123) = -1.68, p = .048, d = -0.32, 95\% IC [-0.68, 0.05]$. Os ateus/agnósticos (sem religião) relatam mais que a Igreja Católica dispõe de rituais de ensinamento/ processos de socialização/ doutrinação da ideologia sagrada com vista à conversão dos seus membros comparativamente com os católicos. Identificaram-se diferenças significativas entre os católicos e ateus/agnósticos (sem religião) ao nível da coerção persuasiva (*brainwashing*) nos seus membros pela Igreja Católica, $t(123) = -3.08, p = .001, d = -0.58, 95\% IC [-0.95, -0.20]$. Os ateus/agnósticos (sem religião) relatam mais

que a Igreja Católica exerce persuasão coerciva nos seus membros comparativamente com os católicos.

Denotam-se diferenças significativas entre os católicos e ateus/ agnósticos (sem religião) ao nível da divergência (reação à liberdade de expressão dos seus membros de forma negativa ou hostil), $t(123) = -4.06$, $p < .001$, $d = -0.76$, 95% IC [-1.14, -0.38]. Os ateus/ agnósticos (sem religião) relatam que a Igreja Católica reage de forma mais negativa à liberdade de expressão dos seus membros comparativamente com os católicos. Ver Tabela 2 para sistematização dos resultados descritos.

Não se verificaram diferenças significativas entre os católicos e ateus e agnósticos (sem religião) em relação à pureza requerida, $t(123) = -1.61$, $p < .055$, $d = -0.30$, 95% IC [-0.67, 0.07].

Não se verificaram diferenças significativas entre os católicos e ateus e agnósticos (sem religião) em relação ao dispensar da existência, $t(123) = -2.49$, $p < .007$, $d = -0.47$, 95% IC [-0.84, -0.09].

Todos estes resultados são consistentes com a ideia de que os participantes sem religião derrogam mais os processos da Igreja Católica, evidenciando uma imagem intencionalmente negativa da mesma, nomeadamente pela atribuição de processos atribuídos a cultos, por comparação com os participantes católicos. Assim, podemos assumir que, no geral, a primeira hipótese foi validada.

Tabela 2

Teste t-student de comparação entre participantes católicos e sem religião (ateus e agnósticos) perante a Igreja Católica (derrogação exogrupal).

Medidas	Católicos		Sem Religião		p
	M	DP	M	DP	
Manipulação Mística	3.89	1.449	4.91	1.460	.001
Pureza Requerida	4.28	1.407	4.72	1.530	.055
Confissão	3.95	1.540	4.64	1.601	.010
Ciência Sagrada	3.46	1.303	3.68	1.360	.189
Doutrina sobre a Pessoa	4.43	1.466	4.89	1.401	.048
Dispensar da Existência	3.37	1.427	4.05	1.493	.007
Coerção Persuasiva	3.66	1.524	4.51	1.370	.001
Divergência	3.60	1.179	4.55	1.355	.001

* $p < .05$

** $p < .01$

*** $p < .001$

3.2. Comparação entre Igreja Católica e Outros Grupos Religiosos em Participantes Católicos

De modo a verificar-se se os participantes católicos avaliavam mais positivamente a Igreja Católica do que os restantes grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia), foram realizadas 6 ANOVA com medidas repetidas, uma para cada uma das dimensões (Tabelas 3).

3.2.1. Favoritismo Endogrupal por parte dos Participantes Católicos.

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da imagem, $F(3, 78) = 35.15$, $p < .001$, $\eta^2 = .575$. Os resultados mostram que os católicos avaliam a Igreja Católica mais

positivamente do que qualquer outro dos grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Para além disso, os resultados mostram que os católicos avaliam a Igreja Universal do Reino de Deus mais negativamente que qualquer um dos outros grupos, (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos); ver Tabela 3.

Os católicos diferenciam significativamente o nível da tolerância a valores diferentes dos seus membros dos propostos pelo grupo, $F(3, 78) = 18.90, p < .001, \eta^2 = .421$. Os resultados demonstram que os católicos consideram a Igreja Católica, como o grupo que tolera mais valores diferentes por parte dos seus membros, do que qualquer outro dos grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Concomitantemente, verifica-se que os católicos consideram as Testemunhas de Jeová como o grupo que tolera menos valores diferentes dos seus membros daqueles propostos pelo grupo (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos), ver Tabela 3.

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da coesão (membros sentem-se envolvidos e comprometidos com o grupo), $F(3, 78) = 10.47, p < .001, \eta^2 = .287$. Os resultados mostram que os católicos consideram que o grupo das Testemunhas de Jeová são mais coesos do que qualquer outro dos grupos, melhor dizendo, afirmam que os membros das Testemunhas de Jeová são mais comprometidos e envolvidos para com o grupo que qualquer dos membros de outros grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Para além disso, os resultados mostram que os católicos consideram que a Igreja Católica é o grupo que possui membros menos coesos e comprometidos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente como os grupos contribuem positivamente para a sociedade, $F(3, 78) = 17.81, p < .001, \eta^2 = .407$. Os resultados demonstram que os católicos consideram que a Igreja Católica contribui mais positivamente para a sociedade do que os grupos restantes (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Simultaneamente, avaliam a Igreja Universal do Reino de Deus como a que contribui menos para a sociedade em comparação com os outros grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos não diferenciam significativamente na semelhança dos grupos e membros entre si, em termos de valores e ideais, $F(3, 78) = 2.40, p < .074, \eta^2 = .085$; ver Tabela 3.

Tabela 3

Médias e desvios-padrão das medidas dependentes sobre os quatro grupos: TJ (Testemunhas de Jeová), RD (Igreja Universal do Reino de Deus), ADS (Igreja Adventista do Sétimo Dia) e IC (Igreja Católica), pelos Católicos (favoritismo endogrupal).

Medidas	TJ		RD		ADS		IC		<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Imagem Positiva/Negativa	3.10	1.091	2.58	1.223	3.16	1.061	4.41	1.093	.001
Tolerância de Valores Dif.	2.46	1.322	2.68	1.280	2.82	1.232	4.00	1.351	.001
Grupos Semelhantes entre si	4.00	1.789	3.77	1.703	3.75	1.534	3.64	1.607	.074
Coesão	5.33	1.709	4.91	1.726	4.54	1.514	4.16	1.336	.001
Identificação com o Grupo	1.74	1.252	1.68	1.223	1.65	1.130	4.20	1.495	.001
Positivos para a Sociedade	3.23	1.193	2.89	1.323	3.26	1.167	4.28	1.306	.001

* $p < .05$

** $p < .01$

*** $p < .001$

Os resultados tendem a apoiar a primeira componente da Hipótese 2. Com efeito, no geral, os participantes católicos tendem a valorizar a Igreja Católica sobre os outros grupos religiosos. No entanto, e contrariamente ao esperado, os participantes evidenciaram que os outros grupos são mais coesos do que a Igreja Católica. À partida, pensávamos que a atribuição de maior coesão aos grupos pudesse ser um aspeto motivacional para o alcance de uma identidade social positiva, mas tendo em conta o panorama dos resultados, parece-nos que este item possa ter alcançado um significado diferente para os participantes.

3.2.2. Derrogação Exogrupal por parte dos Participantes Católicos.

Para testar a segunda componente da Hipótese 2 (derrogação exogrupal por parte dos participantes católicos pela atribuição de processos de dinâmicas intragrupais negativos, realizámos ANOVA com medidas repetidas, com o fator Grupo Religioso como fator intra-participantes e os itens de favoritismo como medidas dependentes.

Os participantes católicos diferenciam significativamente ao nível da existência de rituais e cerimónias obrigatórias praticados pelo grupo, $F(3, 78) = 5.92, p < .001, \eta^2 = .185$. Os resultados mostram que os católicos avaliam a Igreja das Testemunhas de Jeová, como o grupo que possui mais rituais obrigatórios praticados pelo grupo (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Em contrapartida, os católicos consideram que a Igreja Católica tem menos rituais obrigatórios comparativamente com os restantes grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos); ver Tabela 4.

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da manipulação mística (desencorajamento do pensamento racional e estimulação na crença uniforme num ser divino), $F(3, 78) = 10.69, p < .001, \eta^2 = .291$. Os resultados mostram que os católicos avaliam as Testemunhas de Jeová, como o grupo que desencoraja mais o pensamento racional e o que promove mais a crença num ser divino nos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Para além disso, os católicos avaliam a Igreja Católica, como o grupo que desencoraja menos o pensamento racional nos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da pureza requerida (valores fundamentais não podem ser violados e exigem pureza de comportamentos por parte dos seus membros), $F(3, 78) = 7.04, p < .001, \eta^2 = .213$. Nos resultados verifica-se que os católicos consideram que as Testemunhas de Jeová, como a que exige mais dos seus membros pureza de comportamentos e valores fundamentais que não podem ser violados (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Enquanto que, consideram a Igreja Católica, como o grupo que menos exige esta pureza por parte dos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos); ver Tabela 4.

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da ciência sagrada (exigência que os seus membros vivam em comunidade como forma de juramento de lealdade total e reverência), $F(3, 78) = 10.24, p < .001, \eta^2 = .283$. Os resultados demonstram que os católicos consideram que as Testemunhas de Jeová é o grupo que mais exige dos seus membros lealdade total e reverência (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Concomitantemente, consideram que a Igreja Católica, é o grupo que

menos exige dos seus membros, esta lealdade total e reverência (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da doutrina sobre a pessoa (existência de vários rituais de ensinamento/ doutrinação da ideologia sagrada com o intuito de levar os seus membros à conversão e aceitação dos seus princípios), $F(3, 78) = 6.99$, $p < .001$, $\eta^2 = .212$. Os resultados mostram que os católicos consideram que as Testemunhas de Jeová é o grupo que possui mais rituais de ensinamento/ doutrinação da ideologia sagrada comparativamente aos restantes grupos (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Em contrapartida, os católicos consideram que a Igreja Católica é o grupo que menos aplica um doutrinação da ideologia sagrada aos seus membros, com o intuito de os levar à conversão e aceitação dos seus princípios (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente ao nível do dispensar da existência (visão absolutista do grupo como uma elite e todos os não-membros, são vistos como “pessoas de fora” (*outsiders*), como não integralmente dignos/aceitáveis), $F(3, 78) = 9.73$, $p < .001$, $\eta^2 = .272$. Os resultados demonstram que os católicos consideram as Testemunhas de Jeová, como o grupo que mais possui uma visão absolutista e que visualiza os não-membros como “pessoas de fora” comparativamente com os restantes (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Simultaneamente, nos resultados verifica-se que os católicos em relação aos outros grupos, consideram a Igreja Católica como o grupo que possui menos esta visão absolutista e esta perceção sobre as pessoas não integrantes no grupo (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da coerção persuasiva que exercem nos seus membros como forma destes seguirem os seus princípios e valores, $F(3, 78) = 17.41$, $p < .001$, $\eta^2 = .401$. Os resultados mostram que os católicos consideram que as Testemunhas de Jeová é o grupo que exerce mais esta manipulação nos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Em contrapartida, considera que a Igreja Católica é o grupo que exerce menos coerção persuasiva nos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos diferenciam significativamente ao nível da divergência (reação hostil ou negativa à liberdade de expressão, como opiniões desviantes e contrárias às do grupo, dos seus membros), $F(3, 78) = 7.96$, $p < .001$, $\eta^2 = .234$. Nos resultados verifica-se que os

católicos avaliam as Testemunhas de Jeová como o grupo que reage mais hostilmente à liberdade de expressão dos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos). Ademais, os católicos consideram que a Igreja Católica é o grupo que menos reage hostilmente à liberdade de expressão dos seus membros (p sempre $< .05$ na comparação com todos os outros grupos religiosos).

Os católicos não diferenciam significativamente os grupos religiosos relativamente à confissão (obrigatoriedade do ato de confessar e punição dos membros por violações de valores fundamentais), $F(3, 78) = 2.58, p > .060, \eta^2 = .090$.

Tabela 4

Médias e desvios-padrão das medidas dependentes sobre os quatro grupos: TJ (Testemunhas de Jeová), RD (Igreja Universal do Reino de Deus), ADS (Igreja Adventista do Sétimo Dia) e IC (Igreja Católica), pelos Católicos (derrogação exogrupal).

Medidas	TJ		RD		ADS		IC		p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Manipulação Mística	4.79	1.452	4.63	1.545	4.61	1.296	3.89	1.449	.001
Pureza Requerida	5.06	1.469	4.70	1.400	4.55	1.300	4.28	1.407	.001
Confissão	4.36	1.535	4.41	1.506	4.26	1.298	3.95	1.540	.060
Ciência Sagrada	4.58	1.530	4.32	1.496	4.13	1.288	3.46	1.303	.001
Doutrina sobre a Pessoa	5.06	1.486	4.90	1.437	4.55	1.329	4.43	1.466	.001
Dispensar da Existência	4.52	1.629	4.28	1.549	4.11	1.378	3.37	1.427	.001
Coerção Persuasiva	5.18	1.641	5.15	1.636	4.62	1.460	3.66	1.524	.001
Divergência	4.59	1.515	4.46	1.458	4.16	1.295	3.60	1.179	.001

* $p < .05$

** $p < .01$

*** $p < .001$

Os resultados são claros ao evidenciar que os participantes católicos tendem a proteger o seu grupo de pertença atribuindo aos outros grupos mais processos dinâmicos intragrupais negativos do que à Igreja Católica. Interessante, o grupo das Testemunhas de Jeová foi o maior alvo de derrogação por parte destes participantes.

IV. Discussão

O objetivo primordial deste estudo consistiu em testar processos de favorecimento endogrupal e de derrogação exogrupal enquanto fatores identitários por parte de participantes católicos perante quatro grupos religiosos distintos: Igreja Católica, Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia. Além disso, procurou-se investigar se ocorriam diferenças nos julgamentos sociais entre os participantes católicos e os participantes ateus e agnósticos (sem religião) em relação à Igreja Católica.

A primeira hipótese do estudo foi globalmente corroborada. Apesar não de forma consistente, os participantes católicos avaliaram de forma mais positiva a Igreja Católica em duas das dimensões, por comparação com os participantes ateus e agnósticos (sem religião). Efetivamente, verificou-se que os católicos apresentaram avaliações mais positivas da Igreja Católica em relação a medidas como a imagem, e no facto de contribuírem positivamente para a sociedade, quando comparados com os participantes sem religião (ateus e agnósticos). Complementarmente, os participantes ateus e agnósticos (sem religião) concordaram mais e de forma consistente que processos intragrupais negativos, comumente atribuídos a cultos, são adotados pela Igreja Católica, evidenciando uma imagem intencionalmente negativa da mesma, por comparação com os participantes católicos. Efetivamente, verificou-se que os ateus e agnósticos (sem religião) apresentaram avaliações mais negativas da Igreja Católica por lhe atribuir mais processos intragrupais com características de manipulação mística, confissão, doutrina sobre a pessoa, coerção persuasiva sobre os membros e divergência. Estes resultados evidenciam que os participantes católicos negam que a Igreja Católica tenha estes processos negativos, ao contrário dos participantes não religiosos.

A segunda hipótese do estudo foi também corroborada. Propusemos que os participantes católicos avaliassem a Igreja Católica de forma mais positiva e que lhe atribuíssem menos dinâmicas intragrupais negativas (características percebidas de cultos) do que aos restantes grupos religiosos (Testemunhas de Jeová; Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia), evidenciando favorecimento endogrupal. Os resultados demonstraram que os participantes católicos avaliaram mais positivamente a Igreja Católica que os restantes grupos religiosos em medidas como: imagem, tolerância de valores diferentes dos seus membros e contribuição positiva para a sociedade.

Não obstante, a análise demonstrou que os participantes católicos avaliaram as Testemunhas de Jeová de forma mais negativa comparativamente com os outros grupos religiosos, evidenciando-se uma derrogação exogrupal nos seguintes processos intragrupal: existência de rituais obrigatórios; manipulação mística; pureza requerida; ciência sagrada; doutrina sobre a pessoa; dispensar da existência; coerção persuasiva e divergência. Adicionalmente, de forma destacada, os participantes católicos consideram as Testemunhas de Jeová como um grupo mais coeso do que os demais, sublinhando um alto grau de comprometimento e envolvimento por parte dos seus membros. Concomitantemente, é intrigante notar que os católicos consideram que a Igreja Católica, à qual pertencem, possuem membros menos coesos e comprometidos.

Esta dinâmica sugere uma visão diferenciada da coesão grupal entre os participantes católicos, indicando uma perspectiva mais crítica em relação à sua própria comunidade religiosa. A ausência de uma coesão percebida como robusta na Igreja Católica pode ser atribuída à posição confortável do grupo dominante, onde a proximidade intensa entre os membros pode não ser uma necessidade iminente. Contudo, ao ponderar sobre o papel de grupo dominante desempenhado pelos católicos, torna-se interessante notar que, como grupo não sujeito à mesma pressão para a proximidade intensa entre os membros, a coesão na Igreja Católica é percebida como menos evidente.

V. Conclusão

Este estudo, ao investigar os julgamentos sociais de participantes católicos sobre quatro grupos religiosos distintos, nomeadamente a Igreja Católica, Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Adventista do Sétimo Dia, procurou testar a hipótese de que indivíduos afiliados a um grupo dominante (no caso, a Igreja Católica na sociedade portuguesa) realizam julgamentos mais favoráveis sobre, e atribuem dinâmicas grupais menos negativas ao seu grupo em comparação com os outros grupos menos proeminentes na sociedade. Estes efeitos são denominados de favoritismo endogrupal e derrogação exogrupal. Além disso, a pesquisa visou explorar se os participantes católicos realizavam julgamentos mais positivos sobre o seu grupo (a Igreja Católica), comparativamente com pessoas não religiosas (ateus e agnósticos). Esperava-se ainda que os participantes não religiosos atribuíssem mais dinâmicas grupais negativas à Igreja Católica do que os participantes católicos.

As hipóteses delineadas no estudo foram analisadas e os resultados revelaram padrões distintos nas avaliações. Os participantes católicos, ainda que de forma inconsistente, demonstraram avaliações mais positivas da Igreja Católica em algumas dimensões específicas quando comparados aos participantes sem religião (ateus e agnósticos). Contudo, os participantes sem religião revelaram uma avaliação mais negativa da Igreja Católica, e uma tendência em denegrir a imagem da Igreja Católica, especificamente em relação aos processos grupais de controlo social forte e extremismo ideológico, percebidos como associados a cultos religiosos.

No contexto do favorecimento do endogrupo, os participantes católicos avaliaram a Igreja Católica de forma mais positiva em relação aos outros grupos religiosos estudados. No entanto, observou-se uma derrogação exogrupal em relação aos outros grupos de forma mais consistente, e particularmente em relação às Testemunhas de Jeová, com os participantes católicos atribuindo a este grupo, os processos intragrupais negativos, frequentemente percebidos como típicos de cultos.

Na realização deste estudo, foi possível concluir que as avaliações e julgamentos sociais sobre grupos religiosos e os seus processos dinâmicos grupais constituem um campo de estudo complexo e fascinante. A investigação empreendida proporcionou *insights* significativos sobre como os participantes católicos e sem religião (ateus e agnósticos)

avaliam a Igreja Católica e outros grupos religiosos, assim como as percepções desses grupos em relação a certos processos grupais.

Em síntese, este estudo contribuiu com *insights* valiosos de dinâmicas complexas que envolvem julgamentos sociais, afiliação religiosa, e interações grupais.

Limitações e Investigações Futuras

Este estudo não esteve isento de algumas limitações que merecem destaque. Primeiramente, a obtenção de uma amostra significativa de ateus e agnósticos portugueses revelou-se desafiadora, dada a predominância da população católica em Portugal. Além disso, a ausência de participantes de outras religiões ou grupos distintos limitou a possibilidade de comparação abrangente com os católicos e os sem religião (ateus e agnósticos). Outra limitação surge da natureza pioneira deste estudo, que, embora inovadora, não permitiu a validação da escala utilizada para a população portuguesa. A necessidade de criar uma escala específica devido à inexistência de instrumentos pré-existentes pode ser considerada uma limitação, uma vez que a validade da escala não foi confirmada por estudos anteriores. Por exemplo, o seguinte item criado: “Em que medida considera que cada um dos grupos possui vários rituais e cerimónias obrigatórios para os seus membros” (1 = sem rituais obrigatórios, 7 = muitos rituais obrigatórios)”, revelou-se inconsistente, uma vez que não continha uma valoração negativa ou positiva clara para ser avaliada, eventualmente, tendo de ser retirado. No que concerne a investigações futuras, recomenda-se uma abordagem mais ampla e equilibrada entre católicos e os sem religião (ateus e agnósticos) na composição da amostra. Isso poderá oferecer resultados mais robustos e elucidativos. Além disso, a replicação deste estudo com a inclusão de participantes pertencentes a outras religiões permitiria uma compreensão mais holística das avaliações e julgamentos sociais sobre grupos religiosos.

Para aprimorar a qualidade das investigações subsequentes, é imperativo submeter a escala utilizada neste estudo a um processo rigoroso de validação para a população portuguesa. Dessa forma, garantir-se-ia a confiabilidade e consistência dos resultados obtidos. Em resumo, embora tenham sido identificadas limitações, estas oferecem oportunidades valiosas para orientar futuras pesquisas e aprimorar a compreensão das complexas interações entre avaliações sociais e dinâmicas grupais em contextos religiosos.

Referências Bibliográficas

- Appel, W. (1983). *Cults In America*. (1st ed.). New York: Holt Rinehart & Winston.
- Aron, R. (1999). *Cults: Too good to be true*. (1st ed.). Pymble: HarperCollins Publishers.
- Barker, E. (1990). *New Religious Movements: A Practical Introduction*. (1st ed.). Bernan Press, London.
- Billig, M., & Tajfel, H. (1973). Social categorization and similarity in intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 3(1), 27–52.
doi.org/10.1002/ejsp.2420030103.
- Branscombe, N. R., & Wann, D. L. (1992). Role of identification with a group, arousal, categorization processes, and self-esteem in sports spectator aggression. *Human Relations*, 45(10), 1013–1033.
doi.org/10.1177/001872679204501001
- Brewer, M. B. (1991). The social self: On being the same and different at the same time. *Personality and social psychology bulletin*, 17(5), 475-482.
- Brewer, M. B. (1999). The Psychology of Prejudice: Ingroup Love and Outgroup Hate? *Journal of Social Issues*, 55(3), 429–444.
doi.org/10.1111/0022-4537.00126.
- Bromley, D. G., & Melton, J. G. (2002). *Cults, religion, and violence*. (1st ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Deutsch, M., & Gerard, H. B. (1955). A study of normative and informational social influences upon individual judgment. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 51(3), 629–636.
doi.org/10.1037/h0046408
- Doise, W., Csepele, G., Dann, H. D., Gouge, C., Larsen, K., & Ostell, A. (1972). An experimental investigation into the formation of intergroup representations. *European journal of social psychology*, 2(2), 202-204.
- Haworth, I. (1997). Caring for cult victims. *Carer and Counselor*, 7(10).

- Jones, E. E., Wood, G. C., & Quattrone, G. A. (1981). Perceived variability of personal characteristics in in-groups and out-groups: The role of knowledge and evaluation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7(3), 523-528.
- Judd, C. M., & Park, B. (1988). Out-group homogeneity: Judgments of variability at the individual and group levels. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(5), 778-788.
- Levine, J. M., Moreland, R. L., & Hausmann, L. R. (2005). Managing group composition: Inclusive and exclusive role transitions. In D. Abrams, M. A. Hogg, & J. M. Marques (Eds.), *The social psychology of inclusion and exclusion* (pp. 137–160). New York: Psychology Press.
- Lifton, R. J. (1961). Thought reform and the psychology of totalitarianism: *A study of "brainwashing" in China*. (1st ed.). New York: Norton and Co.
- Lifton, R. J. (1991). Cult formation. *Cultic Studies Journal*, 8(1), 1-6
- Lifton, R. J. (1986). *The nazi doctors: medical killing and the psychology of genocide*. (1st ed.). New York: Basic Books.
- Linville, P. W, Fischer, G. W, & Salovey, P. (1989). Perceived distributions of characteristics of ingroup and outgroup members: Empirical evidence and a computer simulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(2), 165-188.
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(6), 1051–1068. doi.org/10.1037/0022-3514.42.6.1051.
- Petherick, W. (2017). Cults. In W. Petherick & G. Sinnamon (Eds.), *The Psychology of Criminal and Antisocial Behavior*. (pp. 568-588). New York: Academic Press.
- Quattrone, G. A., & Jones, E. E. (1980). The perception of variability within in-groups and out-groups: Implications for the law of small numbers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(1), 141-152.

- Rubin, M., & Badea, C. (2012). They're all the same! . . .But for several different reasons: A review of the multicausal nature of perceived group variability. *Current Directions in Psychological Science*, 21(6), 367–372. doi.org/10.1177/0963721412457363
- Sirkin, M.I. (1990) Cult involvement: a systems approach to assessment and treatment. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 27(1), 116–123.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25(4), 79–97. doi.org/10.1111/j.1540-4560.1969.tb00620.x
- Tajfel, H., & Billig, M. (1974). Familiarity and categorization in intergroup behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 10(2), 159–170. doi.org/10.1016/0022-1031(74)90064-X.
- Tajfel, H., Billig, M.G., Bundy, R.P. and Flament, C. (1971). Social Categorization and Intergroup Behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 1(2), 149-178. doi.org/10.1002/ejsp.2420010202.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-37). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories—Studies in Social Psychology*. (1st ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Turner, J. C. (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 5(1), 1-34.
- Turner, J. C., Brown, R. J., & Tajfel, H. (1979). Social comparison and group interest in ingroup favouritism. *European Journal of Social Psychology*, 9(2), 187–204. doi.org/10.1002/ejsp.2420090207
- Walsh, Y. (2001). Deconstructing “brainwashing” within cults as an aid to counselling psychologists. *Counselling psychology quarterly*, 14(2), 119-128. doi.org/10.1080/09515070110058558.